

Thais Helena Pereira
Ricardo Pini Caramit

Crônicas

de um

INSTITUTO



Crônicas de um instituto: educação especial na perspectiva inclusiva

Thais Helena Pereira
Ricardo Pini Caramit

1ª Edição
Campo Grande/2021

Crônicas de um instituto: educação especial na perspectiva inclusiva

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – IFMS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA – ProfEPT

ILUSTRAÇÕES: canva.com.br

Thais Helena Pereira
thaishp@hotmail.com

Ricardo Pini Caramit
ricardo.caramit@ifms.edu.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P436 Pereira, Thais Helena
Crônicas de um Instituto / Thais Helena Pereira, Ricardo Pini
Caramit. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0114-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.148220205>

1. Inclusão escolar. 2. Profissionais da educação. I.
Pereira, Thais Helena. II. Caramit, Ricardo Pini. III. Título.

CDD 371.9

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Sumário

Prólogo	5
Primeiras palavras	8
Conhece-te a ti mesmo	11
Um tratado sobre a experiência.....	15
Autoeficácia: o que fazer com o conhecimento adquirido?	19
Direito de escolha	24
Metáforas de ser humano.....	28
O medo como preservação	33
O bate-estacas.....	36
O óbvio que não é tão óbvio	40
Notas de um cronista ignorante.....	43
O universo da inclusão	50
Epílogo.....	54
Influências	57





Prólogo

*Se quiser falar ao coração dos homens,
há que se contar uma história. (...)
Porque é assim – suave e docemente –
que se despertam consciências.
(Jean de La Fontaine)*

A Educação Especial foi algo que sempre me encantou e inquietou. Surge devido a uma parada no meio do caminho antes traçado e acaba ficando. Martelando com certa constância e sem um fim. Como uma dor de dente inacabável. Se é que isso existe, mas para mim tratou de existir.

A Educação Inclusiva é assunto que veio depois e também não foi nada muito planejado. Não foi devido a outra parada no percurso, mas trouxe alguns inconvenientes, práticas e metodologias um pouco sem nexos e julgamentos acerca do trabalho alheio que me causaram certo desconforto. Mas, ainda bem que desconfortos existem para nos tirarem da comodidade em que nos colocamos. E com esse também foi assim.

Aliás, constantemente sou convidada a sair de lugares cômodos que insisto em querer criar. A certeza é um desses lugares onde a inclusão escolar, definitivamente, não tem espaço.

Ambos os temas são recorrentes na pesquisa e nos estudos, como também um compromisso assumido globalmente no intuito de construir uma sociedade mais

justa, mais igualitária. Além do mais, servirão de mote para a escrita dessas crônicas sobre as quais você, leitor, irá se debruçar logo mais.

Com linguagem coloquial e conteúdo abrangendo o cotidiano, esse *e-book* é o produto educacional elaborado em minha dissertação de mestrado como parte de exigência do programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - *Campus* Campo Grande. Cada uma das crônicas aqui produzidas traz a minha compreensão sobre as vivências dos profissionais envolvidos com a Educação Especial e Inclusiva nesse *Campus* entremeadas com a minha forma de escrever.

Além das crônicas, este produto conta com a presença de *QR Codes* que de alguma forma trazem as influências que contribuíram para a minha escrita. No fim de cada texto há também um roteiro reflexivo com questionamentos que perpassaram todo esse meu trabalho de carpintaria, como diria Clarice Lispector.

Trago, então, essa experiência em palavras, pois sinto ser uma possibilidade, como já disse o professor Larrosa, de me libertar de certas verdades e certezas (é preciso!) de forma a deixar de ser quem eu era para ser outra pessoa, talvez diferente daquela que eu vinha sendo. Todas as histórias que foram contadas a mim serviram, de um jeito ou de outro, parafraseando La Fontaine, para despertar a minha consciência sobre o tema, sobre as tantas certezas guardadas aqui dentro, sobre o outro, sobre a vida enfim...

O convite então é para que deguste dessas reflexões e vivências a fim de também refletir, despertar

e transformar os conhecimentos outrora construídos (e por que não, transformar-se?).

Uma boa leitura, um bom despertar, uma boa transformação!



Primeiras palavras

Meu gosto pela escrita não é de hoje. Ele me acompanha já tem mais ou menos uns 14 anos. Chega graças a um coração dilacerado, a uma imaturidade da própria idade e a um olhar mais atencioso de meu pai. E é justamente pela escrita que posso falar sobre o indizível, que dou voz às dores trancafiadas que surgem no percurso e que parte do meu autocontrole se mantem em alinhio.

Quando opto por manter distância do cenário em que me encontro e, conseqüentemente, travo um momento de superação comigo mesma, a escrita ainda prevalece e muito me ajuda. São dez longos meses longe de casa, mas são meses bastante intensos, que me trazem uma nova experiência: de vida, de esforço, de maturidade, de companheirismo, de compreensão.

É onde a Educação Especial surge. Esse primeiro contato, previamente estipulado, é uma proposta que estruturei para trazer mais emoção aos estudos acadêmicos. Claro, há um quê de fuga. Eu sei disso, mas é a via que acho para nortear aquilo que está completamente sem norte.

Nesse novo ambiente distante, preciso diariamente lidar com situações que envolvem o diálogo, o ensino, o aprendizado e o estudo concernente a pessoas com deficiência. Afora isso, mantenho um círculo de amizades que carrego até os dias de hoje.

Ao retornar, esse tema não saiu mais da minha cabeça...e do meu coração. Intento, então, articular

minhas duas paixões, a escrita e a Educação Especial, e após terminar a primeira graduação rumo para a licenciatura em Letras.

É uma trajetória repleta de conhecimentos novos: língua inglesa, língua portuguesa, letramentos, pedagogia Waldorf, literatura, enfim...tenho sim algumas disciplinas relacionadas à Educação Especial, mas tudo bem breve e teórico. Já a Educação Inclusiva aparece durante os estágios obrigatórios.

Assim, vou construindo minha formação aos poucos, bem como minha trajetória profissional. O momento de maior envolvimento com a temática é em um projeto de uma escola especial, onde o papel artesanal é o foco. No entanto, ao ser convidada a conduzir uma sala de aula, o bloqueio vem, o medo me toma, a insegurança cresce e a negação é minha resposta.

Falta de habilidades e experiências? Não saber usar das competências adquiridas? Sem conhecimento sobre mim mesma? Construção de barreiras atitudinais? Medo? Preconceito? Interpretação equivocada da legislação? Formação superficial? Falta de recursos materiais e humanos? Conscientização ampla dos envolvidos? Organização do ensino? Necessidade de trocas? Profundidade no apoio? Tempo para reflexão? O que me faz negar? Ainda não sei dizer...de qualquer forma, o tema continua a me instigar e, por isso, o mestrado ajusta-se perfeitamente às minhas angústias. “Como se aquela luva tivesse sido feita para aquela mão”, usando as palavras de Machado. Escrita e Educação Especial e Inclusiva alinham-se enfim.

A escrita é uma das maneiras mais rápidas para expulsar de si um sofrimento, constituindo um dos

fatores de resiliência mais eficazes, já o disse o médico francês, Boris Cyrulnik. É assim que meu desassossego com relação ao ensino encontra um caminho. De certezas? De sucesso? De vitórias? Definitivamente não. É apenas caminho...

Para refletir...

Desafios para uma educação inclusiva

- Dentre os vários desafios citados, qual é aquele que mais te representa? Há algum outro que não foi listado?



Conhece-te a ti mesmo

“Refletir sobre a própria prática” é uma expressão bem comum no meio educacional. Isso é algo que ele sempre escuta na instituição em que trabalha. E eu também. Aliás, usa muito desses dizeres em sua trajetória no ensino. Inclusive, parece ser uma das coisas que os professores mais fazem, e não deixa de ser uma das peças-chave para se alcançar essa tão falada educação de qualidade e, também, uma educação inclusiva.

Até aí tudo bem. O que fico a pensar é como conseguir fazer isso. Como alcançar a capacidade de aprender autonomamente a avaliar o que faz e identificar o que precisa melhorar, se não consegue nem entender o seu próprio funcionamento? Quais são seus sentimentos mais recônditos? Quais são suas verdades? Como age e reage tendo em vista as inúmeras situações do dia a dia ao se relacionar com outros sujeitos? E, ainda, quando precisa tratar com o outro que tem alguma deficiência?

São tantos questionamentos reflexivos que, simplesmente, paramos. Uma xícara de café cairia até bem agora. Com aquelas lasquinhas de casca de laranja açucaradas. Ele prefere os biscoitos de nata de sua avó. Como a distância faz parte desse processo, damos uma trégua de 5 minutinhos para buscar a opção de acompanhamento e, claro, o convidado especial que regerá esse nosso diálogo.

Ao retornarmos à plataforma de videoconferência, ele diz:

- Acho que a partir do momento que escolho estar aqui, conversando com você, acontece um processo de autorreflexão, porque eu estou me abrindo, desabafando, falando sobre os meus sentimentos, sobre as minhas vivências...mas eu também estou refletindo, eu também estou fazendo uma autorreflexão a respeito da minha prática. Eu revisito minha prática.

Ao reprimir as cenas e ao narrá-las a mim, não está fazendo o passado voltar de um tempo distante. Está construindo seu próprio mundo, afinal atribui um sentido a tais acontecimentos. Está, de fato, conhecendo a si mesmo.

É quando o aforismo grego inscrito no pórtico do Templo de Apolo, em Delfos, e atribuído, muitas vezes, ao próprio Sócrates, faz todo o sentido: “Ó homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo”. Essas palavras datam, mais ou menos, do século IV a. C. e acompanham o próprio desenvolvimento humano. Chegaram a mim, pela primeira vez, nos meus 15 anos, quando minha mãe me presenteou com “*O mundo de Sofia*”. Naquela tenra idade, entretanto, as palavras foram lidas e guardadas. Foi só agora que esse conhecimento fez parada e morada em mim.

É como se a grande tarefa da humanidade fosse, então, buscar se conhecer para, a partir daí, conhecer a verdade sobre o mundo. E sobre o outro que faz parte desse mundo. E sobre as relações que acontecem. E sobre tudo o mais que parece tão mais complexo que nós mesmos. Parece...

Quem é ele? Quem sou eu, afinal? Como nos enxergamos? Que atitudes tomamos? Como nos vemos em relação ao outro, quer seja estudante, professora, gestor, técnico, pai, filho, mãe, amiga, vizinho? Que tipos de críticas tecemos a eles sendo que na maioria das vezes não conseguimos visualizar que essas mesmas críticas dizem muito mais a respeito de nós mesmos? Como vemos a questão da diferença? E como esse outro enxerga a si mesmo? Por que o outro é tão mais complexo assim? Será que esse outro, com deficiência, é definido exclusivamente por essa característica?

Mais perguntas e o ditado filosófico continua a ressoar incessante: “Ó homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo”.

Para refletir...

Autoconhecimento

- Como trabalhar tais questões institucionalmente?
- Como organizar esse tipo de momento para conversas e reflexões?
- Como abranger esse aspecto também com adolescentes do ensino médio, que possuem características únicas?

"Ó, homem, conhece-te
a ti mesmo e
conhecerás os deuses e
o universo."

(autor desconhecido)



Um tratado sobre a experiência

É um questionamento geral:

- Vocês têm experiência com Educação Especial e Inclusiva?

- Não.

- Experiência, EXPERIÊNCIA, não, não tenho.

- De jeito nenhum.

Foi a resposta da maioria dos presentes. A minha também, aliás. Tenho a impressão que quando alguém faz esse tipo de pergunta, uma luz interna logo acende querendo um conhecimento pronto e acabado sobre o assunto. Finalizado. Saber lidar com todos os tipos e características humanas. Então, não.

- Não tenho domínio acerca do assunto.

- O meu saber, na prática, é muito limitado.

Vou, então, ao dicionário. Às vezes, essa compilação de vocábulos possa me ajudar a compreender essa negação. O que é experiência, afinal? A palavra vem do latim e significa conhecimento ou aprendizado obtido por meio da prática ou da vivência. Opa! Então, alguma experiência eles têm, até porque muitos profissionais sequer tiveram a oportunidade de trabalhar com alunos da Educação Especial em sala regular ou classe especial.

Eles estão construindo a experiência, na convivência, na prática, ali no dia a dia, descobrindo estratégias, criando teorias, se apropriando da realidade e transformando-a. Mas, só a definição do dicionário não me convence. É quando em uma das tantas leituras nessa busca, surge um texto do professor Jorge Larrosa.

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” Experiência é o que passa, o que acontece, o que toca a cada ser individualmente, e não o que se passa, o que acontece, ou o que toca no outro. Experiência, experiência mesmo, não é informação. Aliás, esta não faz outra coisa senão cancelar as oportunidades daquela. Isso me deu um chacoalho interior. E para que haja a possibilidade de que algo passe, aconteça ou toque dentro de cada ser, é indispensável um gesto de parada, de interrupção, atitude quase impossível nos nossos tempos atuais.

Meus olhos continuam a ler: é preciso pensar, olhar, escutar e sentir mais devagar. É preciso haver demora nos detalhes. É primordial suspender opiniões, juízos, vontades, automatismos de ação. É essencial cultivar a atenção, a delicadeza e a arte do encontro. É imprescindível abrir olhos e ouvidos, falar sobre o que acontece internamente e aprender a escutar os outros. Ah, a lentidão...é preciso aprendê-la, já o disse também o autor alemão Sten Nadolny. É fundamental, também, “calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”.

Isso, ao mesmo tempo em que traz um alento, traz também a constatação da correria que eu mesma projeto aos meus dias. Compreendo, em partes, o porquê das repetidas respostas negativas quanto a ter experiência: eu mesma não tenho o costume de parar, de perder o abençoado tempo – de perder tempo – como diz Elsie Lessa, a fim de vivenciar o que me acontece, ainda mais agora que a pandemia parece ter multiplicado os afazeres e atividades.

Ao mesmo tempo, esses momentos de diálogo – interno e externo – que instigam o devaneio, a reflexão

sobre mim, sobre minhas ações e sobre os acontecimentos ao meu redor configuram-se, do meu ponto de vista, uma interrupção e, por conseguinte, experiência. Meu desejo? Por mais momentos de parada...



Acesse o *QR Code* à esquerda e leia o texto citado.

Para refletir...

Experiência

- Como criar esses momentos de parada? Por meio de grupos? Seria algo a ser buscado somente de maneira individual ou é possível pensar em algo ao nível institucional?

"A experiência é o que
nos passa, o que nos
acontece, o que nos
toca."

(Larrosa)



Autoeficácia: o que fazer com o conhecimento adquirido?

É Clarice Lispector que acompanha aquelas reflexões. Um livro? Um quadro? Não sei discernir muito bem, mas a imagem me faz recordar uma de suas frases pontuais e carregadas de sentimento: “A palavra é meu domínio sobre o mundo”. Faço das palavras da autora, as minhas, afinal escrever é a forma que encontro para dar visibilidade e garantir certo domínio às inquietações aqui de dentro.

Além dela, a estante repleta de livros de cima a baixo fez parte do processo. Os quadros à direita também trouxeram um encanto ao espaço. Embora não consiga distinguir todos com clareza, o que mais me toca é o que contém uma porta branca se abrindo para o planeta Terra, para o mundo, enfim.

É o que acontece agora: a abertura de uma pequena fresta do mundo dela para mim. A primeira vez quando lhe avisaram que trabalharia com um aluno com deficiência ficou extremamente apreensiva. E, apesar de não ser mais uma novidade em sua trajetória, toda vez que um novo semestre começa, é sempre o mesmo receio de receber um estudante público-alvo da Educação Especial. Seu coração quase para, a respiração acelera e mil pensamentos percorrem seu cérebro. E, por quê?

Desconfio que sei a sua resposta. Por não ter preparo nenhum. Nenhuma experiência, estudo, especialização na área. Nada. Não possuí as

competências necessárias para atuar junto a esses estudantes. É isso.

Albert Bandura, professor e psicólogo canadense, já disse que o querer iniciar, continuar ou desistir de uma ação é afetado pelas crenças da pessoa sobre suas competências e capacidades para enfrentar as exigências do meio. Como será que ela lida com suas próprias crenças, então? Até onde compreendi, as dela, na maioria das vezes, a desqualificam, menosprezam, reprovam. É isso! Ela precisa trabalhar o sentimento de ser capaz de utilizar dos conhecimentos e habilidades de maneira adequada.

Comento sobre formação continuada. Ela me diz que a formação continuada por si só não dá conta. De que serve a posse de um conhecimento/habilidade?, ela me pergunta. É preciso ir além de falar abertamente sobre a temática. É necessário trocar experiências, estudar mais, ler mais, debater mais, analisar e incorporar práticas, fazer grupos de estudos para a discussão e a compreensão dos problemas educacionais, falar sobre as necessidades e os interesses profissionais a fim de esclarecer situações e aprimorar o modo como se trabalha, ampliar, descobrir novos saberes e, conseqüentemente, sentir-se capaz de atuar com os conhecimentos disponíveis, ajudando na formação do estudante para o mundo do trabalho.

Uma das ferramentas que a ajuda muito nesse percurso é a colaboração vinda da equipe do núcleo institucional e dos professores de apoio. É graças ao diálogo constante com eles que aprende e aprendeu muita coisa. Assim, pouco a pouco está sabendo lidar com situações de sala de aula que muitas vezes não saberia resolver sozinha.

Sim, apesar de ser a “autoridade” na sala, algumas ocasiões ocorreram em que se viu sem saber o que fazer, que determinada proposta não trouxe o efeito desejado, que, na realidade, o método que utilizou não atingiu a todos. Várias ocasiões em que a sensação de frustração veio.

Mas, é a partir das trocas com o núcleo que novas estratégias de ensino são propostas a ela. Ainda reluta um pouco sim. No entanto, com o passar dos dias, vai tornando-se mais receptiva para os seus usos. Sai da sua zona de conforto.

Aliás, é devido a essa saída que começa a pensar a deficiência, a educação escolar e a educação especial de outro modo. Presencia o aprendizado acontecendo e constata que, de fato, a inclusão é sim possível.

Em permanente processo de resignificação de suas concepções, se arrisca no novo, e nota que as ações construídas em conjunto trazem mais vitalidade e segurança aos seus dias. “De mãos dadas é mais fácil”, lembro-a da letra da canção de André Korsakas. E ela constata que sim, é bem mais fácil seguir por essa estrada da inclusão.



Acesse o *QR Code* do lado esquerdo e conheça a música “Nossa estrada”, do professor André Korsakas.

Para refletir...

Autoeficácia docente

- É possível trabalhar a autoeficácia docente a nível institucional? Como fazer isso?
- Quais seriam as competências necessárias que o professor regente deve desenvolver para atender a todos os alunos em sala de aula regular?

Mundo do trabalho

- Qual a distinção entre formar para o mundo do trabalho e para o mercado de trabalho?

Formação

- Para desenvolver-se na profissão de professor pautado nos princípios inclusivos basta apenas uma formação inicial?
- Que tipo de formação oferecer a fim de abordar a perspectiva inclusiva de educação? Qual seria o foco?
- As experiências concretas, os problemas reais, as situações dos dia a dia que desestabilizam o trabalho na sala de aula é levado em consideração nas formações?
- Docentes, gestão escolar, técnicos e coordenadores compartilham ideias, sentimentos e ações para o aprimoramento do trabalho institucional?
- Como ampliar as possibilidades de aprendizagem tanto de profissionais como de estudantes?

Professor de apoio/ bidocente / coensino / ensino colaborativo

- O que é o professor de apoio/ bidocente/coensino/ensino colaborativo?
- Como se dá a atuação do professor de apoio no instituto? Ele é um professor exclusivo do aluno com deficiência?
- Quais os aspectos positivos que esse trabalho em conjunto traz? E quais os aspectos negativos?
- De quem é o aluno com deficiência?
- O aluno com deficiência necessariamente precisa de um professor de apoio em sala? Por quê?
- Com a iniciativa de colocar, necessariamente, um segundo professor em sala, que visão pedagógica/educacional está por detrás?

Estratégias de ensino

- Que tipos de estratégias são sugeridos por parte do núcleo institucional? São realizados estudos de caso?



Direito de escolha

Ou é 8 ou 80. Ou se está em um polo ou em outro. Não há conversa. E quanto mais na ponta do polo alguém estiver, mais distante do outro e, conseqüentemente, a possibilidade de diálogo fica quase impossível. É essa visão, negativa, que vivencio nos dias de hoje.

Esse ponto de vista generalista, aliás, se aplica a várias questões que perpassam o cotidiano de qualquer ser humano: política; ter ou não ter filhos; comer ou não ultraprocessados; usar ou não redes sociais; em que perspectiva educacional se pautar. Nesse último ponto surgem, frequentemente, opiniões quando o letreiro da inclusão brilha.

A Educação Inclusiva traz uma série de ensinamentos: pessoas aprendendo a conviver com a diferença, a ceder espaço àqueles que não tem o mesmo direito de igualdade em relação ao outro, enfim.

Por outro lado, tem também fatores bastante complexos envolvidos: o estudante com deficiência que se vê diante de uma realidade muito diferente da dele, que se enxerga como o diferente e, às vezes, é tratado como tal.

Em que polo ficar? Diante de uma estrutura institucional regular que ofereça recursos humanos e materiais para atender os estudantes com deficiência? É claro que opto pela inclusão! Aliás, trabalho em um local privilegiado que se não oferece a estrutura por completo, está caminhando para isso.

E se o ambiente escolar regular não oferecer toda a gama de ferramentas? Posso, então, optar pela instituição especializada? Posso ter a opção de eleger o que acredito ser o melhor espaço para meu filho, assim como pais optam por escolas com determinadas tendências pedagógicas?

É isso! Quero poder escolher, afinal tudo depende do indivíduo. Das características de cada ser. Não dá pra colocar todo mundo no mesmo balaio, afinal cada um se adapta a um modelo educacional. Quero ter o direito de escolher em que escola colocar o meu filho, se naquela baseada nos princípios da inclusão ou onde seu filho conviva com pessoas que compartilham da mesma deficiência. Uma escolha. Simples assim.

E serei responsável por isso. Por pagar o preço pelas perdas e pelos ganhos da minha, só minha, decisão. A partir da minha escolha.



Acesse o *QR Code* à esquerda para ler o artigo sobre Inclusão, diferença e deficiência da pesquisadora Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan.

Para refletir...

Diferença

- Quem é o diferente?

- Será que diferença é o mesmo que deficiência?
- Será que a diferença está apenas nos estudantes com deficiência ou ela é inerente ao ser humano?
- Como tornar mais natural o encontro com a diferença?

Igualdade

- A igualdade é importante quando nos referimos à perspectiva inclusiva de educação? Em que aspectos?
- O que é não ter o mesmo direito de igualdade? Qual a noção de igualdade por trás dessa ideia? É uma igualdade de direitos ou de categorização?
- Quem são aqueles que não têm direito de igualdade?
- A igualdade pode trazer a noção de nivelamento de todos? Pode descaracterizar a diferença?
- A igualdade pode ser perigosa?

Direito

- O que é o direito subjetivo?
- É possível ceder espaço a alguém se pertencer é uma questão de direito?
- É possível ceder espaço quando se trata de um direito fundamental e subjetivo como o acesso à educação?
- O que significa o acesso obrigatório à educação dos 4-17 anos que consta na Constituição?

Escolha

- A inclusão escolar pode ser uma escolha?
- O que é o poder de escolha da educação?
- Existe a opção de escolha por parte da família? Ela pode escolher matricular o filho em uma instituição especializada ou em uma escola regular?



Metáforas de ser humano

Conversamos longamente. À distância, como tudo nesse período pandêmico. É uma entrevista sim, mas acaba virando uma conversa entre velhos amigos. Parece que nos conhecemos de longa data e que ali estávamos apenas tratando de um tema comum, compartilhando das mesmas angústias.

Em algum momento tento fazê-lo se recordar da primeira vez que viu uma pessoa com deficiência na rua. Não consegue. Sinceramente, nem eu. Penso que naqueles idos tempos era muito raro esbarrar com alguém ou compartilhar ambientes: supermercados, shopping centers, cinema, parques, banco, escola. Com certeza é algo recente. Recente assim, de uns 25 anos para cá, talvez.

Por isso mesmo é que no seu caminho de ensino fundamental e médio também não se lembra de estudar junto com alunos com deficiência. Aliás, se recorda sim de um aluno cego. Um. Durante toda a sua trajetória escolar.

Foi na graduação, no momento de realizar os estágios obrigatórios do currículo, que a questão inclusiva trouxe um outro olhar sobre a Educação Especial. Será que ele não via as pessoas ou as pessoas não circulavam mesmo nas ruas, em pleno sol ou chuva? Ou as duas coisas juntas?

Tenho uma tendência de achar que é a segunda opção. E, talvez, justamente por não se falar sobre o assunto e sobre as questões da educação, saúde,

transporte e outros temas que o envolvem, que as pessoas com deficiência não se sentiam à vontade de estar na sociedade e de compartilhar suas vidas. Era como se não fossem bem-vindas.

No entanto, tem um lado meu que acredita que fora o fato de não haver a presença frequente de pessoas com deficiência, nem eu e nem ele as enxergávamos. Não tínhamos olhos para vê-las. Como se fosse um padrão estabelecido internamente que nos ditava a regra. A regra do normal. E o que é o normal, afinal?

É preconceito que fala? Pode ser. Afinal, não estamos na pele do outro e muitas vezes não conseguimos nos colocar no lugar desse outro para saber como é lidar com a segregação, com a discriminação, com essa falta de compreensão sobre o ser humano.

Preconceito. Um pré-conceito. Uma opinião ou julgamento antecipado. Não é pautada em dados objetivos, mas por sentimentos hostis, incapacitantes, desfavoráveis: ele não dá conta de aprender; ela não vai saber lidar com a escola; ele vai ser detestado; ninguém vai querer estar ao seu lado; e muitas outras falas que fazem parte do seu, do meu, baú de desculpas. Parece que está tudo tão diluído na sociedade, algo tão estrutural mesmo, que muitas vezes repetimos frases feitas e nem nos damos conta das consequências.

Relembro-a de uma dissertação que caiu literalmente em minhas mãos, nessas tantas buscas “internéticas”. É da pedagoga e amante da arte, poesia, literatura e música, Bel Dias. Ela diz que as representações que muitas vezes as pessoas fazem dos outros são fechadas, são fôrmas que servem para os

outros se encaixarem, com absoluta certeza. Estereótipos criados e que no fim das contas não dizem nada sobre uma pessoa, não a definem de nenhuma maneira, quer seja ela docente, estudante, deficiente ou não, o que for.

É necessário buscar possibilidades de rupturas quanto a essas visões, quanto aos rótulos que criamos. Caso não, faço Bel ainda ressoar em nossos pensamentos, seguiremos como Procrusto, impondo um padrão, um molde, uma regra, ao nosso semelhante, de como se deve ser.

No fim das contas, deve-se mesmo é ser humano. Do verbo ser. Ser gente, ser pessoa. Ser múltiplo. Imprevisível. Fascinante. E, como canta Gil, “incontível”, “inatingível” e “incabível”.



Acesse o *QR Code* do lado esquerdo e saiba mais sobre a personagem da mitologia grega citada.



Acesse o *QR Code* à esquerda e escute a música *Metáfora* de Gilberto Gil.

Para refletir...

Preconceito

- Como trabalhar a questão do preconceito no meio institucional sabendo que muitas vezes é algo tão escondido dentro de nós mesmos?
- O capacitismo é um tipo de preconceito velado, onde a pessoa com deficiência é vista como incapaz ou inferior àquela sem deficiência. Como é possível tratar desse assunto? Temos falas, posturas e visões capacitistas?

"Estereótipos criados e
que no fim das
contas não dizem
nada sobre
uma pessoa"



O medo como preservação

Medo. Estado afetivo suscitado pela consciência do perigo ou que, ao contrário, suscita essa consciência; temor, ansiedade irracional ou fundamentada, receio; desejo de evitar, ou apreensão, preocupação em relação a algo desagradável. Um tanto quanto objetiva essa definição. Mas é a partir dela que estas linhas necessitam vir para o papel.

O medo é uma emoção que tem certa constância na trajetória dela no ensino. Não só no ensino, na vida no geral. No entanto, no ensino ele é contínuo. Pode parecer estranho, bem sei. No começo eu também achei que ela não precisava carregá-lo tão firmemente embaixo dos braços, como se fossem os livros que com ela vão a todos os lugares.

Já tentei comparar seus tipos de medo com medos de outras pessoas. Impossível. Ele também é único. Também já disse a ela para simplesmente não sentir. De nada adiantou. Um dia, entretanto, perguntei “o que é realmente perigoso?”.

Ela tinha uma lista, claro, na ponta da língua: de se expor, da responsabilidade, de não atingir seus objetivos com o estudante, de não alcançar as expectativas de fora, de falar uma bobagem, de não atender as especificidades do aluno, de não saber lidar, de ser preconceituosa, de ser conservadora em determinadas questões, de ser permissiva em outras, de culpabilizar o outro, de ser desrespeitosa, de ser imatura, de mostrar suas fraquezas, enfim...era uma lista mesmo. E o engraçado é que não carrega essa

sacola ao se deparar com os estudantes que não se encontram no público atendido pelo NAPNE¹.

E justamente por essa lista com ares de insegurança que começo a enxergar a presença de um impulso de defesa, de autopreservação. A sua reação, no início, é um misto de sentimentos de negação, de desejo que o aluno desista e que saia do instituto. Sim, teve esses sentimentos, principalmente quando se viu sozinha. E chegou mesmo a evitar certos contextos para não ter que lidar com o assunto. Fato é que o medo permaneceu, não conseguiu escapar dele.

É com a chegada da ajuda especializada que sua visão se amplia sobremaneira. O diálogo e a troca de conhecimentos e experiências são aspectos positivos nesse sentido. Não mais se vê ou se sente sozinha. O medo diminui e, pouco a pouco, aprende, nas situações repetidas de sua vida profissional, a perceber quando a emoção chega a fim de oferecer uma resposta mais adequada e condizente com o que tem em mãos. É como se estivesse se conhecendo e assumindo o controle sobre si nas diversas oportunidades que a vida apresenta.

Ao compreender seus sentimentos e até cultivar esse turbilhão de sensações, que passa a enfrentar as situações que lhe causam medo. Hoje, então, busca caminhos que favoreçam o seu percurso institucional. Caminhos como o estudo, o planejamento, a conversa, a troca. Assim, mesmo que o medo surja em certas situações rotineiras, ele nunca é tão grande que a faz frear ou impedir de tomar as devidas atitudes. Algumas

¹ NAPNE é a sigla para Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas, o qual faz parte dos Institutos Federais.

podem ser até impensadas, mas no momento é o possível. “É o que temos pra hoje”, insisto em lhe dizer.

O medo faz parte. E faz parte da sua humanidade. Da humanidade de cada indivíduo. Da minha humanidade. O que se pode é transformá-lo num parceiro em suas muitas aventuras, já o disse Julia Cameron. A cada passo, novos enfrentamentos. Ninguém nasce sabendo e ela nunca disse que era a *expert* em Educação Especial e Inclusiva. Mas está ali, lidando com a demanda na medida do possível, com as pesquisas e os diálogos fundamentando sempre suas ações. Lembro-a, então, do adágio tão popular: “Está com medo? Vai com medo mesmo”.

Para refletir...

Medo

- Profissionais sentem medo diante do desconhecido? Quais os tipos de medo que rondam o dia a dia deles?
- O medo, bem como outros sentimentos, são tratados em reuniões e diálogos institucionais? Há espaço para isso? Como fazer?
- E com relação aos estudantes? Existe abertura para tratar dos seus medos? Que tipos de medo fazem parte de suas trajetórias?



O bate-estacas

Já faz alguns meses que ele está acompanhando a turma. Ela também, a professora de apoio. Confesso que me sinto em um terreno instável. Areia movediça? Solo escorregadio? Argiloso, talvez? E não adianta fazer limpeza, terraplanagem e prepará-lo com uso de tratores. Nada disso vai funcionar, o negócio é mais embaixo. Mais profundo.

E por quê? Com o primeiro, porque fico preocupado. Pre-o-cu-pa-do. E por quê? Bom, durante toda a minha graduação nunca se falou sobre isso. Não tive essa preparação para uma realidade dessa, para receber um estudante que tivesse de repente alguma particularidade com a qual eu não estivesse acostumado a tratar de maneira mais cotidiana. Surdez, cegueira, deficiência intelectual, autismo, dislexia. Nada disso.

Tenho a impressão que na faculdade a gente não aprende a lidar com gente ou pelo menos aprendemos a lidar com um – e só um – padrão de aluno. No estágio? Ah, sim, nele há pinceladas de possíveis situações. Mas, durante os meus estágios obrigatórios, não tive alunos da educação especial inseridos em sala de aula regular.

E com a presença profissional na mesma sala de aula? Ah, insegurança. Rola uma insegurança de ter outra pessoa avaliando as estratégias, os métodos e as avaliações que utilizo para lecionar. Confesso que no início, eu fazia as mesmas avaliações, exatamente as mesmas. E eu não vejo isso como ruim, mas eu não as havia nivelado. É claro que esse aluno não foi bem. Foi bem mal, isso sim.

Então, quando a professora chegou, sua primeira constatação foi:

- Por que você não coloca menos alternativas aqui?

- Mas eu não faço questão com alternativa.

- Sim... é tudo de escrever na sua prova. Assim não vai dar!

- Mas eu não avalio só com a prova, tem as outras atividades.

- Sim, tem outras atividades. A prova oral, por exemplo, que ele não faz. Da onde você vai tirar nota? Como você irá avaliar o aprendizado dele?

Se eu pudesse parar o tempo naquele momento, acho que o tempo ficaria estagnado por um longo período. A pergunta dela, tão básica e precisa, me deixou pensativo. O que fazer, então?

- Inicia colocando perguntas com alternativas como resposta – ela diz – e com poucas alternativas. Descomplica.

Foi o que fiz. E ele foi melhorando. Acho que as coisas começaram fazer um pouco mais de sentido para ele. Não só para ele, aliás, para toda a turma. A turma toda se beneficiou dessa pequena mudança.

E, no fim das contas, as coisas fizeram um pouco mais de sentido para mim também. Talvez, o bate-estacas tenha funcionado nessa preparação do terreno. Afinal, tive que ir lá no fundo, no mais profundo da minha prática tão engessada, para (re)construir meu olhar, com uma fundação mais sólida, sobre o que é de fato o ensino e o aprendizado.

Eu precisei desse aluno e de um olhar externo para entender que era preciso mudar no todo, tornar as coisas mais simples: estratégias, métodos, avaliações,

técnicas, condutas. E compreender, enfim, que o único padrão de aprendizagem é a ausência de padrão.

“Pra quê complicação?, é simples assim”, a voz de Lenine canta serena em meus pensamentos.



Acesse o *QR Code* à esquerda para ouvir a música “Simples assim”, de Lenine.

Para refletir...

Preparo

- Como seria estar preparado para atender a demanda da inclusão?
- A inclusão se resolve a partir da deficiência a ser tratada em sala?
- Não se sentir preparado pode configurar como uma barreira atitudinal?

Ensino

- Você acredita que existem receitas de bolo? Um passo a passo de como se lecionar para alunos com deficiências?
- Qual a sua visão de ensino? E de aprendizado? São processos dissociados?
- Como os estudantes constroem conhecimentos em sua aula?

Avaliações

- Como avaliar o aprendizado em uma Educação Inclusiva?
- E o ensino? Ele é avaliado institucionalmente? Como isso acontece?



O óbvio que não é tão óbvio

Em meio à aula de química, cujo tema era cristais moleculares, ouço um estudante:

- Professor, como é que eu faço para secar o gelo?

Silêncio. Mais silêncio. Prefiro silenciar e adentrar meu repertório de respostas. Aquilo era para mim tão óbvio, tão palpável, tão próximo da minha realidade que, inicialmente aquela pergunta também teria uma resposta muito óbvia, mas naquele instante – que parece durar uma eternidade – não consigo dar uma explicação plausível.

Aliás, tenho até os argumentos em algum lugar aqui no fundo, mas o que mais me intriga é a pergunta. É ela que faz o silêncio permanecer. São 15 longos segundos em que penso em como sair pela tangente, em que pretendo estar buscando algo entre as minhas anotações e materiais, mas a realidade é que estou indo lá nas profundezas de minhas memórias infantis onde ainda há resquícios do olhar surpreso diante do desconhecido.

Naquela idade, o óbvio não era tão óbvio, afinal minha posição de descoberta frente ao mundo era outra. Talvez, agora, já adulto, me posiciono como alguém que já tem certo conhecimento de muita coisa. Mas, diante daquela pergunta, me questiono se de fato tenho tanto conhecimento assim. Por que, ao crescer, algumas coisas se tornam tão óbvias assim? Por que esqueci da criança que ainda me habita?

Nos 15 longos segundos, saio das lembranças da infância e começo a falar comigo mesmo: “meu Deus, eu preciso rever a minha prática”, “eu preciso dar

condições pra meu estudante”. Gelo seco é só um nome popular para o CO₂, quando se apresenta no estado sólido. Simples assim. Mas, será que era só isso mesmo? Será que era tão simples assim? Já haviam me dito que o universo de abstração de estudantes com TEA é diferente. O que fazer?

Naquele momento, é preciso sair do silêncio. Ergo a cabeça, deixo as coisas que estou “procurando”, silencio a mente e o coração e com um simples gesto, puxo uma cadeira mais próxima da minha e peço para o estudante se sentar.



Acesse o *QR Code* do lado esquerdo e entenda um pouco sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Para refletir...

TEA

- Todos os estudantes com TEA possuem as mesmas características? Aliás, todos os estudantes possuem as mesmas características?
- É possível construir novas práticas em que se levem em consideração diferentes graus de abstração dos aprendizes? Como fazer isso?
- Como trabalhar a linguagem figurada, por exemplo?

- Por que ficamos tão perplexos e agimos de forma pouco natural diante do autismo ou qualquer outra deficiência?



Notas de um cronista ignorante

(carta aos interessados)

“Depois de pensar muito em como escrever, em como trazer as palavras para o papel, decido por colocar, de uma vez por todas, um pouco das angústias e dúvidas que têm me acompanhado nesses últimos anos. Talvez eu me delongue um pouco...são muitos desassossegos que não deixam de ser, como diria Fernando Pessoa, ‘uma impaciência da alma consigo mesma’.

Dedico-me, fora à escrita, ao trabalho com a Educação há bastante tempo, com bastante afinco, esforço e vontade de aprender. É um prazer que sinto ao constatar o desenvolvimento de cada um dos estudantes do instituto e o meu próprio desenvolvimento. Essa instituição acolheu-me de braços abertos e sou muito grato a ela e a todos os servidores.

Escrevo, no entanto, para tratar de um assunto mais específico. É um questionamento, para ser mais exato. Tenho acompanhado o processo de inclusão de estudantes com deficiência bastante de perto, afinal, já lecionei para alguns, e vejo uma grande evolução desse paradigma no âmbito escolar, bem como socialmente falando.

Bom, serei direto: a Educação Especial na perspectiva inclusiva é umas das pautas institucionais? Melhor, a instituição tem como uma de suas prioridades a inclusão? Três pontos chamaram a minha atenção para eu chegar a essa pergunta.

O primeiro ponto diz respeito ao professor de apoio para a permanência e a aprendizagem desses

estudantes. Vejo que houve bastante avanço com a atuação desse profissional sendo tal cargo bastante difundido em várias instituições escolares, inclusive nos próprios IFs. Fato é que nós temos o professor de apoio sim, mas não como parte integrante do corpo docente. O estudante adentra a nossa instituição e fica por no mínimo 3 anos e quando se encerra o contrato desse professor, que é de no máximo 2 anos, puf!, acaba o enlace estudante-apoio-docente. Os desenlaces não são ruins, de forma alguma, porém vejo que para esses estudantes o afeto e a segurança são partes bastante significativas para a trajetória formativa. Aliás, de todos nós no final das contas. Ademais, alguns Institutos Federais já possuem o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) – que eu acho que deve ser o mesmo profissional – como cargo efetivo em seu quadro de professores. Não seria conveniente tratarmos sobre isso com o intuito de melhor direcionar e apoiar esse processo educativo?

Ah, vou precisar abrir um parêntese: ainda não compreendo muito bem algumas siglas e funções ... faço bastante confusão com NUGED, NAPNE e NEABI por exemplo, e às vezes me refiro ao professor de apoio como professor da Educação Especial ou professor do AEE. Estou correto na terminologia? Fecho o parêntese.

Bom, fora essa parceria com o professor que faz parte do Núcleo de Atendimento, trago como segundo ponto a questão do próprio Núcleo. Ele é uma comissão que funciona como setor e tem natureza consultiva e executiva. É, eu li no regulamento e em uma portaria. Não seria interessante estruturá-lo, formalizá-lo, de fato como um setor? Investir em formação de qualidade e em profissionais que atuem somente nele, que se

dediquem para esse nicho da educação dentro do *Campus*? Acredito que isso fortaleceria o NAPNE e a própria trajetória estudantil...o que acham?

O terceiro ponto diz respeito à melhor divulgação da inclusão em meio aos profissionais. Sei que grande parte de eventos, formações, cursos e editais são divulgados via e-mail. Existiria a possibilidade de outra forma comunicacional? É, eu sei...posso estar jogando a responsabilidade para o outro (prometo ficar mais atento aos e-mails), mas falo sobre isso porque sei que uma parte considerável dos meus colegas não leem a maioria dos e-mails institucionais, e no fim das contas, acabamos perdendo ótimas oportunidades.

Outro ponto que talvez ajudaria nessa divulgação seria, do meu ponto de vista, uma assessoria de inclusão a fim de fortalecer esse âmbito. O que acham? E que ela fosse instituída na hierarquia organizacional do IFMS mesmo. Não existe assessoria de comunicação do IFMS?, então, por que não uma assessoria de inclusão?, que fosse coordenada, gerida, direcionada, administrada, enfim, por um profissional especializado, uma pessoa da área? Alguém tecnicamente muito bem preparado para isso, a fim de estabelecer, institucionalmente, regulamentos, programas e técnicas de trabalho...pensando em tudo, em todos os aspectos, desde a formação dos profissionais, os métodos de trabalho, até as linhas epistemológicas de ações na instituição.

Vejo que muitos dos meus colegas ainda relutam em querer mudar suas formas de lecionar, por exemplo. É preciso mudar o olhar, enxergar sob uma nova perspectiva, ter olhos de ver. Penso que com os próprios alunos também seja interessante bater nessa

tecla. Preparar a comunidade escolar como um todo para o acolhimento do outro. De todos os outros. Mas, como fazer isso? Como romper com essas barreiras atitudinais? Eu mesmo tenho ainda, muitas vezes, uma visão carregada de preconceitos e limitações com relação ao outro e sou muito contraditório em minhas ações, palavras, pensamentos, posturas... Faz parte do processo, eu sei. Será que não seria interessante tratar tais questões de maneira mais humana, mais personalizada, mais convincente de sua importância? Por meio de encontros de qualidade? Estudos mais aprofundados e com potencial científico? Diálogos mais significativos? Na verdade, nem eu sei dizer ao certo como fazer...como tratar disso tudo. De qualquer forma, foi o argumento inicial que me fez pensar em todas essas situações...

Aliás, quem sou eu para querer falar dessas coisas e ter a audácia de enviar uma carta? No fim das contas, “dessa mente confusa, dessa existência confusa, dessas mal traçadas-linhas”, como diria Millôr, “creio que só resta mesmo uma conclusão a que durante anos e anos me recusei por orgulho e vergonha – sou, por natureza e formação”, apenas um cronista. E ponto.

Um olhar de um cronista ignorante”.

Para refletir...

Inclusão

- Qual a visão de inclusão do Instituto? Como ele compreende essa perspectiva educacional? É a partir do modelo médico da deficiência ou do modelo social?
- E qual a sua visão? Como você compreende tal perspectiva?

Atendimento Educacional Especializado (AEE)

- O que é o AEE? O que faz o AEE? Você conhece o trabalho do professor do AEE?
- Professor de apoio, professor de Educação Especial e professor do AEE são sinônimos dentro do Instituto?
- É possível ter o professor do AEE como cargo efetivo do Instituto? O que tal efetivação traria de benefícios aos estudantes, aos profissionais e ao próprio instituto? Há malefícios?
- Como os serviços dos profissionais do AEE são prestados em sala de aula? Eles são profissionais exclusivos para o aluno com deficiência?

Núcleo de atendimentos às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE)

- Como o NAPNE enxerga a perspectiva inclusiva?
- Quais leis regulam o trabalho do NAPNE dentro do instituto?

- Formalizar o NAPNE como um setor trará quais benefícios para a área inclusiva?
- O Instituto possui espaço físico, como Sala Recursos Multifuncionais (SRM), para atendimento aos estudantes?
- NAPNE é o mesmo que AEE? É o mesmo que SRM? Qual o significado de cada um? O que cada um deles oferece?
- Como se articula os trabalhos dos profissionais do NAPNE com os professores de sala comum?

Comunicação

- Como se comunicar de maneira mais efetiva com os profissionais do Instituto?

Assessoria de inclusão

- Será que instituir e organizar uma assessoria de inclusão seria o caminho para estruturar as questões da Educação Inclusiva?
- Será que esse profissional especializado, “tecnicamente muito bem preparado” para lidar com as situações sobre a inclusão educacional existe?

Barreiras atitudinais

- O que são barreiras atitudinais? Como tentar romper com elas?

- É possível compreender e trabalhar sobre as visões carregadas de preconceitos e limitações com relação ao outro?
- Como trabalhar isso com os alunos e com toda a comunidade escolar?



O universo da inclusão

Minha trajetória dentro da Educação Especial é de longa data. É desde o meu nascimento. Tenho um primo que é especial. Deficiente intelectual, como se diz hoje em dia. Foi a partir dessa vivência, muito próxima, que trilhei meu caminho profissional: Enfermagem, Pedagogia e agora uma licenciatura.

Aliás, nasci também em uma época em que o modelo médico imperava solene. Estudante deficiente vai para a escola especial. Era assim. E meu primo não fugiu do padrão. A inclusão, então, veio fazendo uma reviravolta, uma revolução no ensino. Fez com que a escola, a comunidade escolar como um todo, se preparasse para receber um aluno tanto com necessidade educacional específica como com alguma deficiência. E a diversidade também. A inclusão abrange todos. E esse todos é TODOS mesmo.

Enxergo altos e baixos nesse caminho. Como se fosse um passo para frente, dois para trás. Alguns ainda fogem do trajeto, alegando que o lugar de estudantes com deficiência não é ali. Mas um momento chegará em que não se terá para onde ir e será preciso se organizar de fato. Escola, instituições, professores, técnicos, funcionários, sociedade, Brasil, mundo.

Logo me vem a pergunta de Marise Ramos que constantemente ecoa aqui dentro: “Que tipo de sociedade se almeja quando se educa?”. O conhecimento base da instituição em que trabalho sugere a formação humana integral, onde haja a “integração de todas as dimensões da vida no processo educativo, visando à formação omnilateral dos

sujeitos”. Todas as dimensões da vida abarcam todas as dimensões da vida. E na minha compreensão, nisso entra o outro como um todo, com todas as suas especificidades; a concepção desse outro; o pluralismo de ideias de todos os outros; a vida como ela é, enfim.

As palavras de Marise ainda adentram meus pensamentos: “visamos a uma sociedade que exclui, que discrimina, que fragmenta os sujeitos e que nega direitos; ou visamos uma sociedade que inclui, que reconhece a diversidade, que valoriza os sujeitos e sua capacidade de produção da vida, assegurando direitos sociais plenos?”. Minha posição, assim como da autora, é a segunda, claro, rumo a uma sociedade mais justa e mais integrada. Então, como dizer que o lugar de determinados estudantes não é ali? Como continuar negando ou fugindo das situações do dia a dia?

Vejo a olhos nus, sem necessidade alguma de lentes ou óculos, que muitos profissionais não estão capacitados para tal atendimento, para tal acolhimento. Por isso é preciso, antes de mais nada, compreender esse universo da diversidade e da inclusão e é necessário investimento acima de tudo.

É assim que minha função e da instituição se encaixam: mediar o conhecimento, fazendo com que futuramente tenham todos um mundo melhor, essa sociedade mais justa e integradora.

O ponto principal, a meu ver, é sempre fazer algo, nem que esse algo seja uma mudança muito pequena. Muita coisa já foi feita, mas ainda há muito por fazer. O caminho não é fácil, pode ser até difícil de vez em quando, mas ainda bem que há o caminhar.

Isso me faz recordar de uma música antiga, de 2002, do Coldplay, *The Scientist*, que diz “*Nobody said it*

was easy/No one ever said it would be so hard/I'm going back to the start"². Começo de onde? De uma nova história, que terá muitos novos começos, sempre.



Acesse o *QR Code* à esquerda e veja o vídeo do LEPED sobre diferença e diversidade.

Para refletir...

Modelos de deficiência

- Modelo médico e modelo social, qual destes pauta o seu ensino/ensino institucional?

Diversidade X diferença

- Qual a distinção entre essas duas terminologias?

- Quando o assunto é inclusão escolar, qual o melhor termo a se utilizar?

² Ninguém disse que era fácil/Mas também não disseram que seria tão difícil/Eu estou voltando para o começo.

- A diversidade, porventura, não fixa o estudante a uma identidade, a uma categoria, que de certa maneira nos deixa seguros e cria certa estabilidade com relação às situações da vida?

Todos

- Parafraseando o título do livro de Claudia Werneck, “quem cabe no seu todos?”

Formação integral

- Qual a compreensão de formação humana integral?
- Há ligação com a Educação Especial e Inclusiva?

Formação omnilateral

- Qual o sentido de omnilateralidade?
- Como essa concepção dialoga com o ensino inclusivo?

Investimento

- Que tipos de investimento são necessários para se adequar a esse paradigma educacional?
- A questão da inclusão pode ser promovida nos institutos desprovidos de recursos e infraestrutura?
- A atitude dos profissionais é o aspecto fundamental para que a Educação Inclusiva possa se desenvolver?



Epílogo

*Muita história eu tinha pra contar
(Ednardo)*

E aqui eu assumo novamente. “É tão simples minha história”, diria a versão da música de John Ulhoa, que eu preciso me fundir na de tantas outras para construir uma colcha de pensamentos, de confidências, de contradições para “quem sabe [poder] te convencer”.

Na realidade, pensando melhor, não busco o convencimento de nada. Nem eu estou convencida sobre o que almejo com essa colcha de retalhos. No fundo, talvez, toda essa busca serviu para constatar o que Riobaldo já havia aprendido lá nos idos de 1956, “que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão.”

Que a vida, então, também me ensine a enxergar a inconstância no outro e em mim mesma, para sempre aprendiz e contraditória nesse longo e eterno caminhar.

Aliás, não consegui trazer toda a vastidão das vivências que me foram contadas por esses outros. Infelizmente. E, talvez, não da forma como alguns almejavam, mas foi a que me satisfez e trouxe alento. Pelo menos por agora.

Tenho plena noção de que novos questionamentos aparecerão, em algum momento; o caminho solicitará uma nova rota; o conforto exigirá

uma alteração; a certeza se recobrirá de dúvidas. Recorro, então, à Clarice para me ajudar a fechar essa ‘experiência em palavras’: “Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever”...



Acesse o *QR Code* e escute a versão de John Ulhoa da música *Heal the pain*, interpretada por Fernanda Takai e Samuel Rosa.

"...as pessoas não estão
sempre iguais, ainda
não foram
terminadas..."

(Ribaldo - João Guimarães Rosa)



Influências

BAPTISTA, M. I. S. D. **A composição de cada um? Um estudo sobre identidades e diferenças**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/251703>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

CÁ ENTRE NÓS. Campinas: Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (LEPED), 2018. Trimestral. Disponível em: <<http://www.caentrenosweb.com/>>. Acesso em: 6 jan. 2021.

CHACON, M. C. M.; MARTINS, B. A. Autoeficácia docente e Educação Especial: Revisão da produção de conhecimento nacional e internacional com ênfase na formação de professores. **Educação Especial**, Santa Maria, v. 32, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/35883>>. Acesso em: 5 fev. 2021.

CYRULNIK, B. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GLAT, R. Desconstruindo representações sociais: por uma cultura de colaboração para inclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.24, Edição Especial, p.9-20, 2018. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/rbee/v24nspe/1413-6538-rbee-24-spe-0009.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2021.

LANUTI, J. E. O. E.; MANTOAN, M. T. E. (Orgs.). **Todos pela Inclusão Escolar** - dos fundamentos às práticas. Curitiba: CVR, 2021. 154p.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>.

Acesso em: 10 jan. 2021.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 88 p.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015. 96p.

MEDEIROS, B. A. **O atendimento educacional especializado (AEE) no Instituto Federal Farroupilha**: desafios da educação inclusiva. Curitiba: Appris, 2019. 180 p.

NADOLNY, S. **A descoberta da lentidão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

RAMOS, E. S.; BARRETO, L. M. S.; BAPTISTA, M. I. S. D.; BARBOSA, M. C. Presença do profissional de apoio e segundo professor nas escolas comuns: ponderações e questionamentos. In: NOZU, W. C. S.; SIEMS, M. E. R. KASSAR, M. C. M. **Políticas e práticas em educação**

especial e inclusão escolar [recurso eletrônico].
Curitiba: Íthala, 2021, p. 202-213.

RAMOS, M. N. Capítulo IV: Conceitos para a construção de uma concepção de educação profissional comprometida com a formação humana. In: RAMOS, M. N. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.

RAMOS, M. **Concepção do ensino médio integrado**. Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará nos dias 8 e 9 de maio de 2008. Disponível em: <<https://tecnicadmiwj.files.wordpress.com/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

RODRIGUES, D. (Org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006. p. 299-318.

ROSA, J. G. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976. 460p.

SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

WERNECK, C. **Sociedade inclusiva: quem cabe no seu todos?** Rio de Janeiro: WVA, 2012. 240p.



